



A APAIXONANTE MADAME BOVARY, DE GUSTAVE FLAUBERT OU O VENENO COMO O VOEJO LIBERTÁRIO DE EMMA

 Josilene PINHEIRO-MARIZ*
Saulo Rios MARIZ**

RESUMO

Ao longo da História da Literatura, a produção francesa permaneceu como farol para outras culturas/ literaturas, mesmo na Europa e isso se deve, por certo, a diversos autores de obras-primas da literatura universal. Tal importância está no fato de o romance ser uma obra que ultrapassa gerações, dada a sua inabalável atualidade. Narrativa que inaugura o Realismo, *Madame Bovary* também permite percepções por vieses distintos; isto é, trata-se de um romance que permite não apenas a análise literária, engrandecendo as personagens, mas comporta visões diferentes como, por exemplo, uma leitura do comportamento suicida da protagonista. Assim, lemos esta obra literária pelas lentes das Ciências da Saúde e discutimos o comportamento suicida da personagem central, para em seguida conferimos o detalhamento do envenenamento. Nossas reflexões caminham no sentido de ressaltar a relação tão marcada entre a arte e a vida; afinal, a arte imitaria a vida? Portanto, a tônica da nossa discussão centra-se na literatura enquanto representação do real, ou na sua possibilidade de ultrapassá-la, posto estar para além da imitação. Tais ponderações estão ancoradas na proeminente descrição do suicídio de Emma, ressaltada nas minúcias dos efeitos e reações causadas pelo arsênio no organismo humano. Esta pesquisa documental e bibliográfica está ancorada nas bases teóricas para a análise literária na perspectiva de Jouve (2012) e também na procura da veracidade das alterações orgânicas vivenciadas pela protagonista no momento de seu envenenamento, pela ótica de Oga *et al.* (2014); Olson *et al.*, (2014) e Klassen *et al.*(2013).

Palavras-chave: Suicídio. Morte/Vida. Literatura. Flaubert. Madame Bovary.

* Doutora em Letras (Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Professora de Língua e Literaturas de Língua Francesa, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

** Doutor em Produtos Naturais e Sintéticos Bioativos pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor de Farmacologia e Toxicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

1 INTRODUÇÃO

Todo o frisson que causou a publicação do romance **Madame Bovary** em 1957, em uma França cheia de pudores, seria nos dias de hoje, o que se chamaria de lobby em torno da obra e do autor. Entretanto, a narrativa da mulher fria e mesquinha, que arruinou a sua família, deixando um marido apaixonado viúvo e uma pequena filha órfã parece revelar a força desse romance ainda nos nossos dias. De fato, naquele ano, não foram poucas as observações a respeito da narrativa de Gustave Flaubert, que inaugura o movimento realista na França. Dentre algumas, a do célebre médico, Charles Richer nos parece bastante contundente: *Mais de toutes les hystéries dont les romancier son raconté l'histoire, la plus vivante, la plus vraie, la plus passionnée, c'est Madame Bovary*¹

Como pode uma obra publicada há mais de cento e cinquenta anos ser tão atual, viva e tão real? Essa pergunta só tem resposta por que a literatura é atemporal e, muito provavelmente, por essa razão, a obra-prima é lida e revista, merecendo sempre outros olhares. Mas, como levar o estudante a vislumbrar nuances que, por vezes, só os olhos mais habituados conseguem perceber ou um outro olhar, aquele do especialista. Esse é o caso deste capítulo, no qual a Literatura e as Ciências da Saúde se encontram para ler uma grande obra: **Madame Bovary**. Afinal, o que está por trás da narrativa que descreve detalhadamente um suicídio por envenenamento com arsênico. Sob a nossa ótica, a narrativa poderia ser de um especialista em saúde. Logo, é por essa razão que se diz: “a arte imita a vida”!

Essa é uma expressão não rara de se ouvir nos nossos tempos! De um modo mais específico, caberia, por assim dizer, que a Literatura imita, mas não se limita à vida? Essa não seria uma das formas de arte que mais transita entre a verossimilhança, a fantasia, a liberdade poética e o compromisso com a verdade, conhecida ou não pelo leitor? Talvez, essa seja uma forma não obrigatória, mas interessante, de fazer transcender e transformar realidades individuais e coletivas.

¹“De todas as histórias de histerias contadas pelos romancistas, a mais viva, a mais verdadeira, a mais apaixonada é **Madame Bovary**” (Charles Richet, médico). Tradução nossa.

Intencionando refletir sobre tais questões, cabe começarmos sobre o que seria mimetizar. Originária do grego, (*mímesis*: imitação), a noção de mimese (*imitatio*: em latim) está diretamente relacionada à ação de imitar, copiar ou reproduzir. Essa noção é bem anterior à *Mimeses*, obra clássica do filólogo e estudioso da literatura comparada, o alemão Erich Auerbach, o mais conhecido e, muito provavelmente, o principal teórico da *Mimeses* para os estudos da literatura em tempos modernos.

Entretanto, essa noção está arraigada nos estudos clássicos, nos quais Aristóteles representa o seu principal nome. Podendo ser aplicada a qualquer arte e na vida, a *mímeses* está diretamente relacionada à imitação, caracterizando-se como uma atividade humana, que segundo o próprio Aristóteles nos distinguia dos animais. Esse conceito está relacionado à *poiesis* como fundamental na filosofia platônica e na poética aristotélica; para eles, essa era uma forma de o artista representar, a partir do que via.

Ao longo do tempo, algumas ideias sobre a representação do real foram mudando. Horácio, por exemplo, passou a defender o princípio aristotélico da arte. Mais recentemente, para Gagnebin (1993, p. 75), a mimese tem outro valor que pode incitar o medo: “Ora, tal ‘mimese incontrolada’ deve ser, nas palavras de Adorno e Horkheimer, ‘proscrita’, se o homem quiser se livrar do medo originário e tentar dominar essa natureza, isto é, iniciar o controle da racionalidade iluminista”. Isso nos conduz a perceber a problemática dessa noção, sendo, portanto, muito controversa para ser aplicada ao pé da letra.

A partir dessas considerações, é preciso observar que a problemática do termo está para além de uma noção fechada, o que nos deixa em uma situação de um relativo conforto, visto que neste texto, buscamos também, refletir e problematizar essa noção. Nesse sentido, discutiremos “como” ou “se” a literatura representa o real ou se ela está muito além da imitação, uma vez que Flaubert produz a sua obra prima a partir de dados e consultas sobre efeitos e reações do arsênio no corpo da protagonista Emma Bovary. Nessa narrativa, a descrição é tão real que se diria ter sido elaborada por um médico, farmacêutico ou outro especialista em compreender os efeitos da droga no corpo humano.

Assim, devemos sinalizar que delimitamos a nossa análise ao oitavo capítulo da terceira parte do romance por nele estar presente toda a descrição do que consideramos a literatura para além da arte ou a literatura que imita a vida, mas, não se limita a ela. Buscamos, então, discutir, à luz das ciências biológicas, como fatos da ficção são explicados pela ciência, determinando assim, a verossimilhança (ou não) de uma obra. Esta pesquisa tem cunho bibliográfico e documental, uma vez que nos debruçamos sobre o romance em questão, além de, evidentemente, consultar fontes e outros documentos que deram o suporte necessário para a nossa análise literária, que teve como corpus o capítulo que descreve a morte por envenenamento de Emma Bovary. Além disso, julgamos indispensável conhecer um pouco mais sobre o tema do suicídio, tão presente nesse momento da obra.

Madame Bovary, de autoria de um romancista por excelência, o francês Gustave Flaubert, apresenta no capítulo oito, da terceira parte da obra, os últimos momentos da personagem Emma Bovary, detalhando algumas características do seu auto envenenamento por Arsênio ou Arsênico. Aqui, discutem-se possíveis explicações científicas para alguns dos sinais e/ou sintomas relatados na obra. A base teórica para a análise literária foram os pressupostos de Jouve (2012), no que se refere à literatura, ela mesma. Na busca pela veracidade das alterações orgânicas vivenciadas pela protagonista, quando do seu envenenamento por arsênio, foram utilizadas as edições mais atualizadas de livros de autores consagrados na área, entre eles: Oga *et al.* 2014; Olson *et al.*, 2014 e Klassen *et al.* 2013.

2 MADAME BOVARY, DE FLAUBERT, À VOL D'OISEAU

Obra-prima de Gustave Flaubert, **Madame Bovary** traz Emma, a personagem que dá título à obra, como um exemplo de jovem romântica e sonhadora, uma vez que foi fortemente influenciada por suas leituras do tempo em que viveu no convento. Seu sobrenome foi adquirido a partir de um casamento, -arranjado pela família-, com Charles Bovary, médico de cidade do interior. A protagonista aceita o casamento, pois vê nele uma possibilidade de fuga de uma vida monótona. No entanto, dividir a vida

com aquele homem não era exatamente o que Emma esperava, pois no seu sonho havia luxo e riqueza. Esses sonhos são despertados quando o médico e a esposa são convidados para o baile de Vaubyessard, em uma luxuosa casa onde a mocinha sonhadora se vê diante de seus anseios sufocados. O *Bal de Vaubyessard* é o ponto de partida de uma grande mudança de sua vida, pois a partir daí, ela começa a buscar realização em amores como Rodolphe, um reconhecido Don Juan e depois, com o jovem Léon, quem a leva a contrair dívidas que a conduzem ao suicídio.

Evidentemente, Charles só descobre o motivo que levou sua esposa a tomar tal decisão, após a morte dela. É importante destacar que diante da visão da esposa moribunda e, claramente, sofrendo com os efeitos causados pelo arsênico, ele, ainda uma vez, demonstra toda a sua incapacidade diante do fato. O médico se sente completamente impotente e inapto a fazê-la parar de sofrer e de impedir sua morte iminente.

Um exemplo claro da verossimilhança da obra é o drama vivido pela personagem Emma. Os evidentes motivos para as ideias suicidas que, gradativamente, a protagonista alimenta já eram conhecidos bem antes da época de Flaubert e subsistem até os nossos dias, conforme comentado a seguir. Nesse comportamento de Emma, destacamos o veneno enquanto solução para a trama que entrelaça a sua vida. Mas, e quando o veneno tem puramente a função de curar?

3 SOBRE A COMPLEXIDADE DO COMPORTAMENTO SUICIDA

A complexidade do suicídio, enquanto ato humano, já se observa pelas diferentes formas nas quais tal comportamento tem sido compreendido pela humanidade, ao longo de sua história. Mesmo em uma dada época, diferentes percepções coexistiam, a depender da escola filosófica. Alguns consideravam tal ato como uma fuga às responsabilidades sendo, portanto, contrário às virtudes do homem. Outros defendiam a total liberdade do indivíduo sobre a sua vida e morte. Destaque-se ainda, o aspecto positivo que o comportamento adquiria em algumas culturas, quando

se dava motivado por questões relacionadas à honra (CORRÊA; BARRERO, 2006; MARQUES, 2012).

É possível que o Cristianismo e seus adeptos tenham contribuído com a percepção social da prática suicida, de forma diferente ao longo da História. Inicialmente, o exemplo dos mártires cristãos teria disseminado a ideia de que a vida terrena não teria valor algum diante do paraíso celeste a ser alcançado. Posteriormente, a Igreja passou a disseminar a ideia de que desistir de viver seria apenas uma fuga dos sofrimentos deste mundo, aos quais o ser humano havia sido condenado; ou seja, uma atitude reprovável, motivada por forças malignas, já que a vida do indivíduo não lhe pertence, pois com o sacrifício vicário do Cristo, todos teriam sido “comprados” por preço de sangue. Essa percepção de que tais indivíduos eram merecedores de castigo especial é bem exemplificada no clássico Inferno Dantesco, onde os suicidas aparecem vivendo como árvores constantemente arranhadas por hárprias (SILVA, 2009; COSTA, 2011).

O Renascimento e todo seu esforço em contestar os valores medievais e os dogmas da Igreja Católica, buscaram o individualismo e, assim, o dispor da própria vida volta a ser encarado como um direito do ser humano em sofrimento. Obviamente, a disseminação de tais ideias sofreu oposição não somente da Igreja Católica, como também dos reformadores protestantes. Curiosamente, o famoso Século das Luzes não influenciou de modo significativo a temática, pois nele, os filósofos se dividiram entre posicionamentos que iam da oposição ao ato suicida à tolerância, passando algumas vezes, pela hesitação. No século XVIII, Philippe Pinel, Pai da Psiquiatria moderna, e seu discípulo Esquirol, consideravam esse comportamento como um transtorno mental ao ponto de preconizarem para o seu tratamento, sessões de eletrochoque (SILVA, 2009).

Mais recentemente, merecem destaque os estudos de Durkheim e Freud sobre o suicídio. O primeiro apresentou a anomia como propulsora da ideação suicida, ou seja, uma situação comportamental caracterizada pela perda de objetivos e identidade, não rara na vida moderna. Para o outro, a regulação moral externa ao indivíduo agiria em prol do convívio social harmônico e em detrimento do desejo individual; entretanto, o

indivíduo pode não receber passivamente tal controle. Assim, surge o conceito de “corrente suicidógena” como uma dessas forças sociais reguladoras e a tipificação do suicídio em: egoísta, altruísta e anômico. O atentar contra a própria vida, em um desses três formatos, decorreria de como se manifestaria uma esfera psíquica que escapa à regulação social, em um dado indivíduo, com características herdadas e adquiridas (SILVA, 2007; COUTO, 2009; DURKHEIM *apud* BARBOSA, 2013).

Para Freud, a questão seria o resultado de uma tensão entre o sujeito transformado em objeto pela inibição social de seus desejos internos e tendência suicida latente. Desse modo, uma tendência autodestrutiva poderia aflorar quando o indivíduo, asfixiado, em suas pulsões, pela cultura e necessidade de acomodação social, se renderia à necessidade de punição reclamada por um sentimento inconsciente de culpa (JUSTUS, 2003).

Por fim, vale ressaltar que essa temática não se perdeu nas páginas da Literatura ou nos textos dos estudiosos da psique humana do início do século passado; pelo contrário, continua pulsando nas mentes e nos corações de muitos dos nossos semelhantes, conforme nos apresentam recentes dados epidemiológicos.

Estima-se que mais de um milhão de pessoas comentam suicídio a cada ano, em todo o mundo. No Brasil, embora o índice tenha crescido 29,5% em vinte e seis anos, ainda é considerado baixo quando comparado a outros países. Esse índice brasileiro varia conforme a região geográfica entre 2,7 a 9,3 casos por cem mil habitantes (LOVISI *et al*, 2009; PORTELLA *et al*, 2013). Na cidade de Campina Grande (PB) e região, apenas considerando as tentativas de suicídio com o uso de substâncias químicas (potencialmente tóxicas) durante o período de janeiro a outubro de 2013, foram registrados duzentos e quinze casos, cujo perfil predominante era: pessoas do sexo feminino (70,2%); com idade entre 10 e 29 anos (55,4%) e que usaram medicamentos (49,3%), principalmente calmantes, para atentarem contra a própria vida. (NETO *et al*, 2014).

Observa-se nesta realidade de dados estatísticos, um eco da situação vivenciada pela nossa protagonista, visto que ela estaria inserida nesse perfil predominante de “mulheres jovens”. Atualmente, as informações de que os calmantes são as substâncias

mais usadas se explica porque, de um modo geral, quando uma pessoa atenta contra a própria vida é por estar em intenso sofrimento e deseja, não sofrer, ainda mais, com o processo para a morte. Diferentemente, Emma escolheu um veneno agressivo e causador de uma morte lenta e dolorosa. Teria sido uma necessidade de punição movida pelo sentimento de culpa?

4 VENENO OU A ACESSO À LIBERDADE?

Considerando o suicídio como o principal ponto dessas nossas reflexões, aqui fizemos um recorte destacando as narrativas nas quais mais se constata a presença dessa relação: verdade e ficção de modo mais evidente; isso é visto desde os momentos que antecipam o uso do veneno até o momento pós ingestão, em que se lê descrição do ato propriamente dito, bem como de suas consequências. A edição do romance trabalhado, utilizada neste capítulo, é uma tradução que, felizmente, consegue manter a força da narrativa; conforme podemos ler na passagem seguinte, a da compra/ aquisição do veneno:

- Justin! - chamou o boticário, que já se impacientava.

-Vamos subir!

Ele seguiu-a

A *chave* girou na fechadura e Ema foi direto à terceira prateleira, tal justeza com que a memória a guiava, pegou no *frasco azul*, destapou-o, meteu-lhe dentro a mão, tirou um punhado de *pó branco* e pôs-se imediatamente a comê-lo diretamente.

- Pare! - exclamou o rapaz, agarrando-se a ela.

- Cala-te! Pode vir alguém...

Justin desesperava-se, queria gritar.

- Não contes nada, senão recairia tudo sobre o teu patrão!

Depois voltou, subitamente calma, e quase com a serenidade de ter cumprido um dever².

² – Justin ! cria l'apothicaire, quis'impatientait.

– Montons !

Et illasuívit.

La cleftournadanslaserrure, et ellealladroitverslatroisièmetablette, tantson souvenir laguidaitbien, saisitle bocal bleu, enarrachalebouchon, y fourrasamain, et, laretirantpleine d'une poudreblanche, elle se mit à manger à même.

– Arrêtez !s'écrit-ilen se jetantsurelle.

– Tais-toi !onviendrait...

Il se désespérait, voulaitappeler.

– N'endisrien, tout retomberaitsurtonmaître !

(FLAUBERT, 2002, p. 372-373. Itálicos nossos).

A chave que dá a Emma acesso ao veneno (remédio para seus males) é um instrumento para a sua morte (ou cura/vida)? Nesse momento da narrativa, alguns elementos apresentam-se como indícios de que o autor usa da realidade para levar o leitor a submergir na ficção. Observa-se, nesse diálogo, o receio, tanto de ser pego fazendo algo não aceitável pela sociedade, -daquele que entrega o veneno à protagonista-, quanto da própria Emma que o ingere sem pestanejar. Neste momento, então, damos ouvidos à ciência que explica o fenômeno descrito no romance flaubertiano; pois, aqui já são identificados os primeiros dos indícios que nos chamam a atenção: o frasco azul, provavelmente um frasco azul-escuro. Recurso muito utilizado, mesmo atualmente, para conservação de substâncias químicas, pois o frasco não transparente diminui a incidência de luz no meio interno, reduzindo o risco de alteração química como, por exemplo, a degradação e perda de efeito de substâncias fotossensíveis, como o arsênio. Por essa razão, percebe-se, na narrativa, um cuidado em aproximar um dado fundamental do romance para uma realidade. Poderia ser um frasco, simplesmente, mas, no romance, apenas essa informação não seria suficiente para dar conta da força da narrativa, daí, a necessidade de detalhar: frasco azul. Evidentemente, não se pode dizer que Flaubert já sabia que essa apresentação física iria atravessar gerações, no entanto, em suas pesquisas, muito provavelmente, ele identificou que a tradição já apontava para essa descrição do invólucro da droga.

Outro elemento que salta aos olhos, nesse sentido, é o pó branco. Uma “cor”, ocidentalmente, conhecida como o símbolo da paz, por certo proporcionaria a paz à Emma: o pó branco é a cura. Já naquela época, essa era das principais formas de apresentação farmacêutica do arsênico e ainda hoje é o principal modo de apresentação de produtos à base de arsênico, ratificando, assim, a verossimilhança da obra. Essas circunstâncias nos mostram, a partir desses dois elementos, que a literatura é atemporal.

Puis elles'enretournasubitementapaisée, et presquedanslasérénité d'undevoiraccompli. (FLAUBERT, p. 1999 458).

Todas as traduções do romance em estudo foram retiradas da edição Editora Nova Cultural Ltda., 2003.

Continuando essa leitura em busca da integração literatura, química e biologia, encontramos em:

Analisava-se com curiosidade, para descobrir se tinha algum odor. Mas não! Ainda nada. Ouvia o tique-taque do relógio, o crepitar do lume e a respiração de Charles, de pé, ali junto da cama. "Oh! A morte é uma coisa insignificante!", pensava ela, "vou adormecer e estará tudo acabado!"

Bebeu um gole de água e voltou-se para a parede.

Aquele horrível gosto a tinta persistia.

"...Estou com sede! Estou com muita sede! – suspirou ela [...] E foi acometida de tão súbita náusea, que mal teve tempo de lançar mão do lenço que tinha debaixo do travesseiro.

- Leva-o! - disse precipitadamente. - Deita-o fora!

[...]

[...] Às oito horas reapareceram os vômitos Charles observou que havia no fundo da bacia uma espécie de areia branca, agarrada à porcelana.

- É extraordinário! É singular! - repetia ele³.

(FLAUBERT, 2002, p. 374-375).

A presença de elementos como sede e vômitos não causam surpresa à Medicina. Isto porque é sabido que o arsênico age por vários mecanismos; descrevemos, aqui, duas das principais dessas formas de ação desse agente altamente tóxico. A primeira, é que ao bloquear sistemas enzimáticos essenciais, ele altera o metabolismo celular gravemente, causando lesão capilar difusa, vômitos, inclusive com sangue, correspondendo a uma gastroenterite hemorrágica. Outra ação é que, além disso, ele possui um alto potencial em causar hepatotoxicidade mediante infiltração

³Elles'épiaitcurieusement, pourdiscerner si elle ne souffraitpas. Mais non !rien encore.

Elleentendaitlebattement de la pendule, lebruitdufeu, et Charles, deboutprès de sacouche, qui respirait.

– Ah ! c'estbienpeu de chose, lamort ! pensait-elle ; je vais m'endormir, et tout serafini !

Ellebut une gorgée d'eau et se tournaverslamuraille.

Cetaffreuxgoût d'encrecontinuait.

– J'aisoif !... oh !j'aibiensoif ! soupira-t-elle.

– Qu'as-tu donc ? dit Charles, quiluitendaitunverre.

– Ce n'est rien !... Ouvrelafenêtre..., j'étouffe !

– Enlève-le ! dit-ellevivement ; jette-le ! – Ah !voilà que çacomence ! murmura-t-elle.

– Que dis-tu ?

Elle roulaits a tête avec un geste doux plein d'angoisse, et tout enouvrant continuellement les mâchoires, comme si ele eût portés ursa langue quelque chose de très lourd. À huit heures, les vomissements reparurent.

Charles observa qu'il y avait au fond de la cuvette une sorte de gravier blanc, attaché aux parois de la porcelaine.

– C'est extraordinaire !c'est singulier! répéta-t-il (FLAUBERT, 1999, p. 459-460).

gordurosa e cirrose. Essa ação, junto com as propriedades cáusticas do arsênio para a mucosa do trato digestório, podem explicar as fortes dores relatadas por Emma.

Na continuação, prossegue-se a descrição dos momentos finais da protagonista:

Então ele, delicadamente e quase a acariciando, passou-lhe a mão sobre o estômago. Emma soltou um grito agudo. Charles recuou aterrado.

Depois ela pôs-se a gemer, a princípio muito levemente. Um grande arrepio sacudiu-lhe os ombros e começou a ficar mais pálida que o lençol onde se lhe afundavam os dedos crispados. O pulso irregular era agora quase imperceptível. Surgiram-lhe gotas de suor espalhadas pelo rosto azulado que, entorpecido, parecia exalar um vapor metálico. Batia os dentes, com os olhos dilatados olhava vagamente em torno, e só respondia a todas as perguntas abanando a cabeça, chegou a sorrir duas ou três vezes. Pouco a pouco, os gemidos foram-se tornando mais fortes. Deixou escapar um uivo surdo, disse que estava melhor e que dali a pouco se levantaria. Mas entrou em convulsões e exclamou:

- Ah! É atroz, meu Deus!⁴.

(FLAUBERT, 2002, p. 375).

A obra literária nos permite ler uma das, senão, a morte mais bela da história da literatura; no entanto, não podemos esquecer que a nossa protagonista nada mais apresentava do que típicos efeitos tóxicos do arsênico: anemia, descrita na palidez, além de, por certo, hipotensão e arritmia cardíaca. Sob a ótica das Ciências Médias, pode-se fazer essa afirmação, pois sabe-se que alterações hematológicas e cardiovasculares são os principais efeitos observados logo depois da agressão gastrointestinal gerada pelo arsênio.

Depois das alterações nesses dois primeiros sistemas orgânicos, começam a surgir os efeitos neurológicos do metal tóxico, como descrito a seguir:

⁴Alors, délicatement et presque en lacaressant, il lui passa la main sur l'estomac. Elle je ta un cri aigu. Il se recul a tout effrayé.

Puis elle se mit à geindre, faiblement d'abord. Un grand frisson lui secouait les épaules, et ele devenait plus pâle que le drap où s'enfonçaient ses doigts crispés. Son pouls égaléait presque in sensiblement maintenant.

Des gouttes suintaient sur sa figure bleuâtre, qui semblait comme figée dans l'exhalaison d'une vapeur métallique. Ses dents claquaient, ses yeux agrandis regardaient vaguement autour d'elle, et à toutes les questions elle ne répondait qu'en hochant la tête ; même elle sourit deux ou trois fois. Peu à peu, ses gémissements furent plus forts. Un hurlement sourd lui échappa ; elle prétendit qu'elle allait mieux et qu'elle se leverait tout à l'heure. Mais les convulsions la saisirent; elle s'écria :

- Ah ! c'est a troce, mon Dieu! (FLAUBERT, 1999, p. 460).

Subitamente ouviu-se no passeio um ruído de grossos tamancos, juntamente com o arrastar de um cajado, e uma voz rouca que começou a cantar:
 Quantas vezes um belo dia de calor
 Faz sonhar as meninas com amor.
 soltos, o olhar fixo, a boca aberta.
 Para apanhar as espigas
 Que os moços foram ceifar,
 Na noite com as moças
 Andou no campo a cantar.

- O cego! - gritou Ema.
 E começou a rir, um riso cruel, delirante, desesperado, julgando ver o rosto medonho do desgraçado surgir nas trevas eternas como um fantasma...
 Em seguida veio uma convulsão, que a fez se deitar novamente. Todos se aproximaram. Ema não existia mais⁵
 (FLAUBERT, 2002, p. 386).

Alucinações, delírios e convulsões estão entre os principais danos ao Sistema Nervoso Central relatados como eventos típicos na intoxicação aguda pelo arsênio. Pode haver ou não alteração da consciência. A agressão ao metabolismo dos neurônios pode causar vários distúrbios do movimento, inclusive convulsões.

Conforme a categorização de Durkenheim (*conf. intra*), poderíamos nos perguntar qual o tipo de suicídio de Emma. Muitos optariam pelo tipo “egoísta” considerando que Ela não hesitou em se livrar da angústia relacionada às dívidas financeiras e à dor de ter sido abandonada por Léon, seu derradeiro amante. Mas não caberia imaginar algum altruísmo no ato? Acaso Emma, se sentindo merecedora da pena capital, não teria poupado o pobre marido de sujar as mãos de sangue ou; até mesmo, de ter que conviver com a vergonha de não fazê-lo? Não seria anômica uma existência completamente imersa em paixões, desejos e sonhos egoístas, centrados na

⁵ Tout à coup, onentenditsurle trottoir unbruit de grossabots, aveclefrôlement d'unbâton; et une voixs'éleva, une voixrauque, quichantait :

Souventlachaleur d'unbeaujour / Fait rêverfille à l'amour.

Emma se releve commeuncadavre que l'ongalvanise, lescheveuxdénoués, laprunelle fixe, béante.

Pourmasserdiligemment / Lesépis que lafauxmoissonne! MaNanettevas'inclinant/

Verslesillonquinouslesdonne.

– L'Aveugles'écrit-elle.

Et Emma se mit à rire, d'unrireatroce, frénétique, désespéré, croyantvoir la face hideusedumiséable, qui se dressaitdanslesténèbreséternellescommeunépouvantement.

Il soufflabienfortcejour-là,

Et lejuponcourts'envola !

Une convulsionlarabattitsurlematelas. Touss'approchèrent. Elle n'existaitplus. (FLAUBERT, 1999, p. 472).

auto-realização e desconectados dos reflexos sociais? Deixemos que o leitor desfrute do seu sagrado direito de avaliar (ou não) os personagens da história na qual decidiu mergulhar. O fato é que o caso Emma Bovary pode ser utilizado em qualquer exposição sobre comportamento suicida, como exemplo da percepção científica de que esse ato decorre de como o indivíduo reage à tensão entre as suas ideações e o controle social que as reprime. Emoldurar-se na forma regulatória da sociedade ou dar vazão à uma tendência suicida latente? Eis a questão!

Então, entende-se que, neste romance realista, há de fato uma realidade evidente, mas, cabe-nos também ponderar sobre esse veneno como a chave para Emma. Por certo, o realismo está bastante presente na narrativa, mas, não se poderia dizer que a solução para a tristeza e infelicidade da protagonista está em uma saída típica das obras românticas? Na realidade, o que mais nos chama a atenção é pensar o romance como algo que de fato está muito além do real, sendo um elemento que ultrapassa até os limites da ficção. Assim, o veneno não é agente de malefícios. Pelo contrário, ele é a representação de um sonho realizado, a execução de um grande objetivo. A saída para as dores e os sofrimentos da alma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São aspectos como estes, discutidos aqui, que fazem de Emma Bovary um verdadeiro mito. Evidentemente, discutir esse marcante lugar de Emma na literatura não se constituiu em nosso foco, posto que muito já se disse sobre tal importância. Todavia, não se pode deixar de registrar que detalhes sobre essa personagem: sua liberdade sexual, seus desejos, sobretudo quando associados a sua educação no convento, fazem dela uma figura mítica não somente na descrição romanesca de Flaubert. Esse paradoxo que é Emma Bovary pode ser a representação de um eu ou

um nós (LECLERC, 1997). Então, por que não dizer que o desfecho da narrativa, o suicídio, ratifica a força dessa personagem na literatura?

Não são raros os estudos desse romance, na verdade, se pudéssemos aprofundar a discussão, perceberíamos que esse tema permite teses, considerando-se que a obra de Flaubert é marcada pela presença de uma delicada acuidade que permite ao leitor o deleite da leitura de uma obra de forte impacto, esquecendo que se trata de ficção, dada a força da narrativa. Os detalhes médicos, por assim dizer, são algumas das muitas características que permitem uma aproximação da realidade tão fina e determinante para uma obra-prima.

Portanto, em guisa de encerrar, se colocássemos nos dois pratos de uma balança, a verossimilhança e a ficção, em se tratando dos efeitos biológicos descritos quando da intoxicação por arsênio da personagem Emma na obra analisada, a verossimilhança, a mimeses teriam maior peso. Todo o quadro clínico descrito com riqueza de detalhes é bem característico do que é observado em casos de intoxicação humana por arsênico, principalmente quando o indivíduo se expõe a esse metal pesado com intenção suicida.

Além disso, a obra literária em questão, nesse momento específico da narrativa, pode nos levar à reflexão sobre o suicídio enquanto comportamento humano relativamente frequente, mesmo nos dias de hoje. A partir disso, ratifique-se a importância de uma obra que pode levar o leitor a “sentir” a pulsação da obra, assim como as pulsações de Emma Bovary. Por essa razão, acreditamos que se trata de uma forma necessária de mostrar a quem lê literatura que ela é muito atual e pode ser fonte de inúmeras indagações. Assim, resta-nos apenas a reflexão: o que nos leva a julgar que podemos transformar um veneno que conduz à morte, em um remédio que nos trará a cura das enfermidades da alma?

Assim, retomamos o nosso título que põe em destaque duas perspectivas aquela que mostra a narrativa flaubertina como a história d’*A apaixonante* Madame Bovary, de Gustave Flaubert, mas que também identifica o veneno como o passaporte da protagonista para a sua sempre sonhada liberdade, daí: o veneno como o voo libertário de Emma. O suicídio enquanto porta para a solução dos problemas nos faz

observar essa obra-prima da literatura francesa e, conseqüentemente, da literatura universal como um possível precursor da visão que vieram a ter os escritores e filósofos dos meados do século XX, ao pensarem na noção de Existencialismo, sobretudo Camus como o seu Mito do sísifo. Não teria sido esse o pensamento de Emma? Porque recomeçar sempre, se os problemas são totalmente não solucionáveis? Não valeria muito mais à pena dar um grande voejo em busca da liberdade? Então, a morte é a solução, o antídoto para que o sofrimento de recomeçar a cada dia se torne mais leve e que não seja como Sísifo que precisava sofrer ao recomeçar todos os dias.

Por certo, Madame Bovary é uma grande obra e analisa-la sob a ótica do misto do sísifo ou do existencialismo é sem dúvida nenhuma um viés necessário para melhor compreender a obra; mas essa leitura cabe em uma próxima ocasião.

PASSIONATE LOVE IN MADAME BOVARY, BY GUSTAVE FLAUBERT, OR POISON IN EMMA'S LIBERTARIAN FLUTTER

ABSTRACT

Throughout the History of Literature, the French production has remained a guiding light for other cultures and literature, even in Europe, and this is due, of course, to the various authors of masterpieces of world literature. Such importance is due to the fact that the novel is a genre which goes beyond generations because of its timeless feature. With a narrative which inaugurates Realism, **Madame Bovary** also allows perceptions through different biases; in other words, it is a novel that not only allows for literary analysis, aggrandizing the characters, but holds different views as in the suicidal behavior of the protagonist. Thus we read this literary work in terms of health sciences and discuss the suicidal behavior of the central character before checking the details of the poisoning. Our reflections aim to emphasize the vivid relationship between art and life; after all, can art imitate life? Therefore, the core of our discussion lies in literature as a representation of reality, or in its ability to overcome the real world. Such considerations are anchored in a prominent description of Emma's suicide, highlighted in the detailed effects and reactions caused by arsenic in the human body. This desk and bibliographic research is based on the theoretical foundation for literary analysis as rendered by Jouve (2012) and also in the search for the truthfulness of organic changes experienced by the protagonist at the time of her poisoning, according to the perspective of Oga et al., (2014); Olson et al., (2014) and Klassen et al., (2013).

Keywords: Suicide. Death / Life. Literature. **Madame Bovary**.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. **Mimesis**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CORRÊA, H.; BARRERO, S. P. **Suicídio: Uma Morte Evitável**. São Paulo: Atheneu, 2006.

COSTA, D. L. **O estigma e sua representação no inferno dantesco**. Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, 5, 2011, Londrina. Anais... Vol3, p. 31-43. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mesthis/Anais_Vol3.pdf#page=31>. Acesso em: 23 novembro 2014.

DURKHEIM, Emile. **O Suicídio**. São Paulo: Martin Claret, 1987/2005.

FLAUBERT, Gustav. **Madame Bovary**. Paris: Librairie Générale Française, 1999.

_____. **Madame Bovary**. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 2003.

GAGNEBIN, J.-M. Do conceito de mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin. **Revista Perspectivas**. vol.16. São Paulo, 1993. p. 67-86.

JOUVE, V. **O que é literatura?** Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. Campinas: Parábola, 2012.

JUSTUS, D. **O suicídio nosso de cada dia...** In: Estados Gerais da Psicanálise: Encontro Mundial, 2, 2003, Rio de Janeiro. Anais... Disponível em: <http://www.egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/5c_Justus_41040903_port.pdf> . Acesso em: 23 novembro 2014.

KLAASSEN, C. *et al.* **Casarett & Doull's Toxicology: The Basic Science of Poisons**. New York: McGraw-Hill, 2013. 1.454 p.

LECLERC, Y. Comment une petite femme devient mythique. In: BUISINE, A. (coord.) **Emma Bovary**. Paris. Editions autrement. 1997.

LOVISI, G. M. et al. Análise epidemiológica do suicídio no Brasil entre 1980 e 2006. **Rev. Bras. Psiquiatr.** São Paulo, v. 31, supl. 2, Oct. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151644462009000600007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 de março de 2012.

MARQUES, M.G. **Dizer-se e fazer-se nada: dor de existir e suicídio**. 2012. 52 p. Monografia (Pós-graduação em Psicologia). Centro Universitário de Brasília, Brasília.

NETO, P. F. L.; ONIAS, Y. N.; RAMOS, C. M. M.; LIMA, N. S. C. **Perfil Epidemiológico das intoxicações por tentativa de suicídio em Campina Grande e Região**. 2014. 58p. Monografia (Graduação em Medicina). Centro de Ciências Biológicas e da Saúde - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande (PB).

OGA, S.; CAMARGO, M. M. A.; BATISTUZZO, J. A. O. **Fundamentos de Toxicologia**. 4ª ed. São Paulo: Atheneu Editora, 2014.

OLSON, K. R. *et al.* **Manual de Toxicologia Clínica**. 6ª ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

PORTELLA, C. H. *et al.* Epidemiological profile of suicide in the Santa Catarina Coal Mining Region from 1980 to 2007. **Trends Psychiatry Psychother.**, P Alegre, v. 35, n. 2, 2013. Disp. em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-60892013000200006&lng=en&nrm=iso>. acesso em 10 de abril de 2014.

RICHET, C. Les Démoniaques d'aujourd'hui - Étude de psychologie pathologique. **Revue des deux mondes**. Paris. vol. 37. 1880. p. 348.

SILVA, L. M. A.; COUTO, L. F. A questão do suicídio: algumas possibilidades de discussão em Durkheim e na Psicanálise. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 3, dez. 2009. Disp. em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000300007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 05 dez 2013.

SILVA, M.C.M. **Renúncia à vida pela morte voluntária**: o suicídio aos olhos da imprensa no Recife dos anos 1950. 2009. 143 p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.